

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | LIBERDADE

11 e 25 de Novembro de 2024

### LIBERTÉ, LA NUIT / 1983

um filme de PHILIPPE GARREL

*Realização, Argumento, Diálogos:* Philippe Garrel *Adaptações:* Berard Lambert *Fotografia:* Pascal Laperrousaz *Luz:* Ivan Martin *Som:* Jean-Pierre Laforce *Montagem:* Dominique Auvray, Philippe Garrel *Música original:* Faton Cahen *Interpretação:* Emmanuelle Riva (Mouche, a mulher), Maurice Garrel (Jean, o marido), Christine Boisson (Gémina), László Szabó (Laszlo, o marionetista), Brigitte Sy (Micheline, a mulher de Laszlo), Pierre Forest, Gérard Demond (paraquedistas), Barthelemy Teillaud (Barthelemy, filho de Laszlo), Muriel Oger (Sophie, filha de Jean), Raymond Portalier, Joël Barbouth (polícias à paisana), Mohamed Fellag (Mohand), Salah Teskouk (Salah), Julien Sarfati (Mehdi), Jean-Pierre Léaud (René).

*Produção:* Institut de la Communication Audiovisuelle (França, 1983) *Estreia comercial em França:* 3 de Outubro de 1984 *Cópia:* INA, DCP (a partir do 35 mm), preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 82 minutos *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição em Portugal:* Festfigueira 1984 *Primeira exibição na Cinemateca:* 22 de Janeiro de 2015 (“Pedro Costa | Realizador Convidado”).

**Programado há uns meses neste programa nuclear de 2024 na Cinemateca, *Liberté, la nuit* é apresentado em Novembro também *in memoriam* Christine Boisson (1956-2024).**

---

É um belo, belo filme. Um “filme político” sobre a guerra da Argélia (os homens da FLN-Frente de Libertação Nacional; os atentados da organização paramilitar clandestina francesa OAS-Organisation Armée Secrète, resistente à independência da Argélia), filmado na perspectiva de uma relação amorosa e filial, com Maurice Garrel (pai e actor recorrente de Garrel antes de nos seus filmes entrar o seu próprio filho, Louis), Emmanuelle Riva (para sempre indissociável de HIROSHIMA MON AMOUR, realizado 24 anos antes por Resnais a partir de Duras) e Christine Boisson (talvez mais conhecida pelo seu papel em IDENTIFICAZIONE DI UNA DONNA, do ano anterior, por Antonioni, mas também actriz do célebre EMANUELLE, ou de Alain Robbe-Grillet em LE JEU AVEC LE FEU nos anos 1970).

Informações dadas. Mas há mais, para a genealogia do filme: da década que no cinema de Garrel abriu com LA CICATRICE INTÉRIEURE, “o filme com Nico” (também presente como actriz nos seguintes ATHANOR, LES HAUTES SOLITUDES – “ao lado” de Jean Seberg e Tina Aumont, no filme mudo dos grandes, grandes planos de Garrel sobretudo fixados em Seberg; LE BERCEAU DE CRISTAL; LE BLEU DES ORIGINES), LIBERTÉ, LA NUIT seguiu-se na obra de Garrel a L’ENFANT SECRET (1979) e antecedeu ELLE A PASSÉ TANT D’HEURES SOUS LES SUNLIGHTS... (84, do mesmo ano de RUE FONTAINE). L’ENFANT SECRET (décima primeira longa-metragem de Garrel), sabe-se, é marcado pela autobiografia num *retrato* da sua relação com Nico, presença que não deixaria de, até hoje, *assombrar* o seu cinema. É também um filme que se associa ao início de uma “nova fase” no cinema de Garrel, “menos incendiária” para retomar um termo de Antonio Rodrigues na “folha” desse filme. Foi o próprio Garrel quem categorizou essa fase como o seu “período narrativo”, o que igualmente se aplica a ELLE A PASSÉ TANT D’HEURES SOUS LES SUNLIGHTS... (com música de Nico, dedicado a Eustache, protagonizado “muito geracionalmente” por Mireille Perrier, Jacques Bonnaffé, Anne Wiazemsky, Lou Castel, Chantal Akerman, Jacques Doillon e o próprio Garrel). Nada disto exclui a dimensão profundamente íntima e

visceralmente secreta dos filmes de Garrel, como escrevi na “folha” dos SUNLIGHTS (ELLE A PASSÉ TANT D’HEURES SOUS LES SUNLIGHTS, 1984). E LIBERTÉ, LA NUIT, o filme “entre” eles?

É o filme “de Maurice Garrel” – boa parte de LIBERTÉ, LA NUIT centra-se nele –, uma história de separação – a de Maurice Garrel e Emmanuelle Riva –, de desolação – a de Riva, a de todos –, de morte – a de Riva, a de Garrel –, de paixão – de Garrel e Christine Boisson, uma mulher mais nova do que a mulher de quem ele se separou e vê morrer. Onde a intimidade das personagens é marcada pelo envolvimento e uma causa políticos – a personagem de Riva é assassinada pela OAS, a de Garrel sucumbirá no fim junto ao mar, no desfecho de um momento de idílio amoroso. Carregado de emoções, a preto e branco, que por vezes faz lembrar – não apenas pelo “tema” da Guerra da Argélia – LE PETIT SOLDAT de Godard (1960, também com László Szabó, embora seja “o filme de Anna Karina”, podem revê-lo este sábado, na sessão “double bill” que o junta a THE EDGE de Kramer). À energia dos anos 60 iniciais da Nouvelle Vague e de Godard, digamos assim, de LE PETIT SOLDAT (em que Karina anuncia que “a fotografia é a verdade e o cinema é a verdade a 24 imagens por segundo”), sucede, em LIBERTÉ, LA NUIT, uma imensa melancolia. E é essa imensa melancolia que faz dele um filme tão belo e tão pungente. Serão lugares-comuns, mas os termos são estes.

O piano de Faton Cahen, com o som em fundo da máquina de costura de Mouche (Riva), e os grandes planos em campo/contracampo dela e dele (Jean/Garrel) anunciam-na. No princípio, há um casal que se desfaz, com mais silêncios do que alarido, numa magoada sequência “de câmara” em que ficamos presos a Riva, e às palavras que parecem um monólogo que nos é dirigido – “Sinto-me em contacto contigo, e também com este filme que é tão sensível... Mas caio de alto, ninguém pode cortar-me os meus sonhos.” O “não estejas triste”, em que um sorriso “à Gish” no BROKEN BLOSSOMS soa ainda mais quebrado. E depois vem a cena em que ela costura na plateia de uma sala de teatro (de cinema?) deserta. No “fim”, em todo o caso no “fim” do que pode ser entendido como a primeira parte do filme, morre abatida, pelas razões políticas em fundo no filme.

LIBERTÉ, LA NUIT entra então num segundo momento, o do *encontro* de Garrel (Jean) com a rapariga (Gémina/Boisson). O filme passa a ser *deles*, com a efemeridade antecipada pela forma dos planos (vistos daqui, os da cama, entre lençóis lembram os de ADIEU AU LANGAGE (Godard, outra vez). Da tristeza à alegria, sem que nunca a melancolia saia de cena. Até ao último silencioso “murro”, da sequência final, junto ao mar, entre rochas e ondas, quando entram em campo uns tipos de chapéu e sobretudo, como nos filmes *noir*, para atirarem sobre Jean, de costas. A duração da cena dilata-se, desacelerada, a imagem torna-se fixa. LIBERTÉ, LA NUIT, um filme que irrompe do negro e progride em intermitências, dá a ver a morte filmada.

Maria João Madeira

PS: Em 2003, por ocasião da retrospectiva da obra de Philippe Garrel na Cinemateca, “Philippe Garrel – Uma Alta Solidão”, que o cineasta acompanhou em Lisboa, LIBERTÉ, LA NUIT foi um filme que ficou por ver, Garrel não o quis mostrar na altura e tratar-se-á de um filme muito pouco visto, pelo menos em projecção (em França foi mais recentemente editado em DVD com LA CICATRICE INTÉRIEURE e mais recentemente ainda digitalizado em alta-definição). A Cinemateca apresentou-o pela primeira vez em Janeiro de 2015 numa (praticamente) imaculada cópia 35 mm que de algum modo o denunciava. Distribui-se a versão do texto escrito nessa altura.